

País quer dinheiro novo para pagar a dívida

Funaro advertiu ao FMI sobre a necessidade de alterações nas negociações com os credores

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, defendeu, ontem, no comitê interino do Fundo Monetário Internacional, uma alteração nas atuais formas de negociação externa imposta pelos credores aos países devedores, e encaminhou a proposta brasileira de negociação em favor de redução do custo da dívida e refinanciamento automático de parte dos juros devidos no período 1987/1991.

Funaro denunciou o esquema concebido de contornar a crise, por parte dos credores, porque tanto estes como os devedores estão sendo prejudicados. "Através de uma combinação desastrosa de financiamentos insuficientes e de pagamentos exagerados, os países devedores estão sendo levados a um esgotamento de sua capacidade de pagamento", disse.

Os três pontos da proposta brasileira apresentados ao comitê interino do Fundo foram: 1 — redução substancial do custo da dívida; 2 — refinanciamento automático de parte dos juros devidos no período 1987/1991; e 3 — alteração de vários mecanismos de conversão para o financiamento de projetos, com vistas a controlar o aumento da dívida e a reduzir a vulnerabilidade da economia perante as flutuações das taxas de juros internacionais.

Citando declarações feitas pelo diretor-gerente do FMI, Michel Candessus, Funaro destacou ser necessário diversificar as técnicas de financiamento. Essa diversificação será possível, na opinião do ministro, "se nos afastarmos do rançoso método de reestruturação da dívida que tem sido aplicado até agora. Mantido tal método, afirmou, as possibilidades oferecidas pela simples existência de interesses múltiplos no âmbito dos bancos comerciais e pelos diferentes marcos regulatórios existentes estarão sendo reduzidos ao menor denominador comum". "Para moldar técnicas de financiamento específicas para cada uma das diferentes situações, devemos nos livrar da camisa-de-força dos procedimentos de negociação existentes, e aplicar também aos credores o tratamento caso a caso".

Quanto à reestruturação da dívida com entidades oficiais, deve haver, de acordo com Funaro, uma clara ligação entre a realização de acordos com o Clube de Paris e uma imediata abertura de créditos financeiros para o país devedor. No caso do Brasil, "poucos países credores honraram um compromisso claro e formal de reabertura de créditos. O não-cumprimento de tal compromisso tornará muito mais difícil para o País a sustentação dos níveis esperados de transferência de recursos para agências

oficiais. O Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento têm sido as únicas fontes significativas de financiamento para o Brasil".

Segundo Funaro, parece que chegamos a um ponto onde pacotes financeiros complicados e onerosos apenas tendem a piorar a situação, uma vez que aumentam consideravelmente o estoque da dívida e o peso de seu serviço. "Esses pacotes transformaram-se, na verdade, da rede curta que eram em curtos cabos de salvação, tão curtos que não importa, afinal, qual de suas pontas estamos segurando: o risco de afundar é praticamente o mesmo".

A situação, segundo o ministro, exige, obviamente, uma ação coordenada, com o objetivo de reduzir os pagamentos e de aumentar os fluxos financeiros, de forma a complementar os esforços de poupança dos países devedores, ao mesmo tempo em que se assegure que a massa de recursos seja direcionada para investimentos no setor produtivo.

Para Funaro, parece não haver qualquer outra forma de estimular o crescimento estável dos países devedores. O crescimento é a única maneira de atrair os investimentos estrangeiros diretos necessários para a aquisição de nova tecnologia e aumento da competitividade no mercado internacional, mas não é suficiente concordar sobre o que é necessário. E preciso agir agora. As economias dos países devedores estão estranguladas pelos esforços de transferência para o exterior de volumes crescentes de recursos financeiros, com muito pouco refinanciamento.

Funaro lembrou que as próprias instituições financeiras internacionais públicas e privadas estão preocupadas com o desenrolar da situação financeira internacional, que limita o crescimento dos países devedores, os incapacitam de cumprir seus compromissos, conforme ficou claro no discurso do diretor-gerente do FMI, que destacou o recuo do financiamento bancário, enquanto os bancos privados manifestaram-se preocupados com o impacto das regulamentações nacionais dos seus países como fator limitativo à expansão dos créditos.

Os bancos estão reivindicando mais ação por parte dos governos na forma de um aumento substancial de capital dos bancos multilaterais de desenvolvimento, reescalamentos mais amplos no âmbito do Clube de Paris e uma política mais liberal de cobertura creditícia por parte das agências para exportação, além da adoção de políticas de liberalização do comércio internacional.

REUTERS



Funaro explicou que está sendo difícil para os devedores manter o crescimento